

Infodemia em tempos de pandemia: batalhas invisíveis com baixas imensuráveis

Infodemic in pandemic times: invisible battles with immeasurable casualties

Angélica Andersen¹
Elena Godoy²

DOI: 10.19177/memorare.v7e22020184-198

Resumo: Este artigo trata do fenômeno mundial da desinformação que inspirou a expressão “infodemia” durante a pandemia mundial de COVID-19; enquanto um contamina o corpo, o outro contamina as ideias. A ascensão da internet e a popularização das plataformas de mídia social mudaram o ecossistema da informação. O acesso direto a um volume exponencial de conteúdo torna difícil distinguir informações precisas de conteúdos de baixa qualidade, falsos, editoriais e sátiras. Analisamos a aderência à desinformação levando em conta a Teoria da Relevância (SPERBER e WILSON, 1986/1995), Vigilância Epistêmica (SPERBER et al., 2010), estudos sobre Racionalidade (MERCIER, 2020), conceitos de Base Comum (CLARK, 1996, 1998), estudos em economia e psicologia comportamental de Tversky (1973) e Kahneman (2002/2011), bem como estudos sobre desinformação de McIntyre (2018), Rand (2020) e Wardle (2018, 2019).

Palavras-chave: Infodemia. COVID-19. Fake news. Linguagem

Abstract: This article deals with the worldwide phenomenon of disinformation that inspired the expression “infodemic” during the world pandemic of covid-19; while one contaminates the body the other contaminates ideas. The rise of the internet and the popularization of social media platforms have changed the information ecosystem. Direct access of the public to an exponential volume of content, makes it difficult to distinguish accurate information from low quality, fake, editorial and satire contents. We analyze the adherence of misinformation taking into account Sperber and Wilson's Relevance Theory (1986, 1995), Epistemic Vigilance (Sperber et al., 2010), Mercier's rationality studies (2020), Clark's Common Ground concepts (1996, 1998), studies in economics and behavioral psychology by Tversky (1973) e Kahneman (2002, 2011), as well as studies on disinformation by McIntyre (2018), Rand (2020) and Wardle (2018, 2019).

Keywords: Infodemic. COVID-19. Fake news. Language.

¹ Mestranda na área de Estudos Linguísticos, linha de Linguagem e Práticas Sociais, (UFPR). Membro do Grupo de Pesquisa Linguagem, Comunicação e Cognição UFPR/CNPq, MBA em Gestão Estratégica de Marketing pela Fundação Getúlio Vargas (2002). Pesquisadora da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: cupcakes.da.angie@gmail.com.

² Doutora em Estudos Linguísticos (Unicamp). Líder do Grupo de Pesquisa Linguagem, Comunicação e Cognição UFPR/CNPq, que reúne pesquisadores e alunos de várias universidades e tem como principal característica a interdisciplinaridade, englobando a linguagem e outras áreas da atividade humana. Professora Associada da UFPR, na Pós-Graduação em Letras, atua principalmente nos seguintes temas: pragmática, comunicação humana, linguagem e cognição, linguagem e cultura, geopolíticas linguísticas e ensino de línguas estrangeiras com ênfase no espanhol. E-mail: elena.godoi@gmail.com.

1 Introdução

Nunca a linguagem teve um papel tão fundamental na sociedade. Nas palavras de Tworek (2020, s. p.), “A comunicação em uma crise de saúde pública é tão crucial como a intervenção médica. Na verdade, as políticas de comunicação são uma intervenção médica”.

A Organização Mundial da Saúde tem liderado o esforço mundial para controlar a propagação do surto da doença de Coronavírus de 2019, o COVID-19, entretanto há outra grave epidemia global em curso, no campo da desinformação (WARDLE, 2018-a), que se espalha ainda mais rapidamente pelas plataformas de mídia social e outros meios de comunicação³ e que também representa um sério problema para a saúde pública, uma vez que ideias podem se espalhar sem contato direto. “Não estamos apenas lutando contra uma epidemia; estamos lutando contra uma infodemia”, disse o diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus (2020), na Conferência de Segurança de Munique, em 15 de fevereiro de 2020.

2 O ambiente de desinformação

Atualmente, além da batalha contra o *Corona Virus Disease-19* ou Doença de Coronavírus do ano de 2019 (COVID-19), há outra em curso, aquela que não ocorre em trincheiras cavadas no solo, mas no mundo virtual, através do controle e bombardeamento de informações que confundem e distorcem a realidade, deixando o receptor de tanto conteúdo sem saber em quem confiar e quem ouvir. Uma guerra instalada para obter a atenção do público, travada com o auxílio da inteligência artificial; onde não é necessário recrutar soldados, basta persuadi-los a usar sua influência e credibilidade dentro do grupo em que estão inseridos para replicar ideologias atendendo a interesses que frequentemente fogem à sua compreensão.

Em tempos de pandemia de COVID-19, encontramos uma infinidade de teorias e especulações, no mínimo surpreendentes, para preencher as lacunas criadas pela falta de informações conclusivas sobre a doença. Algumas delas acerca de sua origem: veio do morcego? da cobra? dos mandolins? de inseticidas? da internet 5G? do espaço em um meteorito? foi desenvolvida em um laboratório em Wuhan? Panaceias para o novo Coronavírus: chá de erva doce? café? óleo consagrado? cocaína? vitamina C? alho fervido? água quente com vinagre, limão e sal? alimentos alcalinos? chá de limão com bicarbonato de sódio? óleo de coco? beber água de 15 em 15 minutos? consumir detergente? urina de vaca? bebidas alcoólicas? Não use ibuprofeno? Use hidroxicloroquina, azitromicina, atanozivir, remdesivir, lopinavir, ritonavir, arbidol, tratamento com células tronco, equinácea?

Invisíveis a olho nu, os vírus há muito causam medo e pânico, portanto, era esperado que o avanço da pandemia de COVID-19, aliado ao confinamento de grande parte da população, levaria à maior produção de conteúdo e que parte dele seria desinformação, a qual é amplificada e se propaga até mais rápido do que o COVID-19, porém,

³ O jornal *The Guardian* trouxe, em março de 2020, o artigo “*Why conspiracy theories spread faster than coronavirus?*” (RADNITZ, 2020) descrevendo a rapidez com que informações falsas se propagam na mídia em comparação com a propagação da doença de Covid-19.

não era possível imaginar a extensão do prejuízo humano, econômico e social da infodemia. Segundo Sylvie Briand (2020), diretora de Gerenciamento de Riscos Infecciosos da Organização Mundial da Saúde, em entrevista ao jornal *The Lancet* intitulada “*How to fight an infodemic*”:

(...) o que está em jogo durante um surto é garantir que as pessoas façam a coisa certa para controlar a doença ou para mitigar seu impacto. Portanto, não é apenas informação para garantir que as pessoas sejam informadas; também para garantir que as pessoas sejam informadas a agir de maneira adequada (BRIAND, 2020, s. p.)⁴.

As informações sobre o vírus são complexas e poucas pessoas são especialistas em áreas como medicina, virologia, epidemiologia, sociologia, entre outras, para estarem capacitadas a avaliar os conteúdos disponibilizados; além disso, poucos procuram dados das fontes originais das informações e se dispõem a analisar estes extensos conteúdos, preferindo consumir informações já consolidadas por plataformas de mídia diversas. Ao mesmo tempo, como o mundo inteiro está pesquisando e analisando o problema, grande parte da produção de informação é realizada em língua inglesa e uma parcela significativa dos brasileiros não têm familiaridade suficiente para compreender os conteúdos.

Neste ambiente já poluído pelo excesso de informações, surge a figura dos *pre prints*, que antes permeavam apenas o universo da pesquisa científica. Os *pre prints* são relatórios de pesquisas científicas que são enviados para servidores públicos sem que tenham sido revisados e certificados por outros pesquisadores e cujos resultados tenham sido confirmados por outros cientistas, conforme o trâmite requerido para publicação científica. Frequentemente essas informações não verificadas chamam atenção das plataformas de mídia social e são posteriormente amplificadas pela mídia oficial sem mencionar a falta de confiabilidade dos dados e da metodologia, levando à polarização em torno de drogas e medicamentos ou tratamentos sem conhecimento aprofundado ou comprovação científica.

Os memes também são poderosos portadores de desinformação. Eles costumam conter verdade o suficiente para atrair a atenção das pessoas, mas distorcem o contexto para criar identificação emocional com as pessoas que acabam “dando *likes*”, compartilhando ou comentando. Os memes frequentemente conseguem mais engajamento do que as narrativas nas quais se inspiraram, além disso, as imagens e os memes oferecem grande facilidade para carregar ideias e conteúdo de uma plataforma de mídia para outra (WARDLE, 2018-b).

O combate a tantos inimigos invisíveis é de difícil processamento e temos dificuldade para aceitar tantas ameaças concomitantes (saúde, situação social e econômica, confiança) bem como a necessidade de adaptação a mudanças tão bruscas, de forma que o enorme fluxo de informações tem levado a população à polarização sobre assuntos diversos que são despejados formando tsunamis de informações, enquanto que o medo do desconhecido torna as pessoas mais defensivas e agressivas por conta do instinto natural de sobrevivência. Assim, a

⁴ Tradução feita por nós.

cada semana são eleitos novos salvadores e novos inimigos. Culpamos tudo e todos pelo fracasso humano de propor uma resposta adequada à pandemia através dos serviços de saúde pública e pela incapacidade de planejamento e preparação para uma crise que já era prevista por diversos cientistas. É mais fácil eleger um culpado visível do que lidar com a ideia quase inaceitável de um inimigo invisível.

Da mesma forma, o desejo por uma solução rápida e indolor faz as pessoas empreenderem verdadeiras cruzadas clamando por medicamentos e tratamentos que lhes parecem salvadores. Este ambiente mental nos torna mais susceptíveis a aceitar as rápidas soluções apresentadas pelos conteúdos de desinformação. Na presença de uma ameaça urgente, é racional coletar todas as informações disponíveis e repassá-las, de forma que a propagação das notícias falsas se torna ainda mais rápida.

Há informações demais, o mundo se tornou um lugar confuso, não temos como obter informações sobre tudo, e as informações disponíveis são complexas e ininteligíveis, então preenchemos as lacunas e atualizamos nossos modelos mentais do mundo, simplificamos probabilidades e números para que possamos processá-los. Favorecemos o que está imediato, as histórias de indivíduos específicos bem como opções que pareçam mais simples. Se as pessoas não encontram uma informação de qualidade, tendem a inventar explicações para preencher as lacunas utilizando heurísticas de disponibilidade.

No artigo “Do COVID-19 conspiracy theories stem from gullibility or skepticism?”, De Ven (2020) demonstra que num vazão de dados, começamos a preencher as lacunas através da especulação, recolhendo migalhas de informação e juntando-as. O COVID-19 torna-se um evento de contagem de histórias transmidiático emblemático (*transmedia storytelling*) para a nossa atual paisagem midiática. Ao analisar o livro “*Not Born Yesterday: The Science of Who we Trust and Who we Believe*” (MERCIER, 2020-a), De Ven conclui que estamos longe de ser ingênuos. As práticas de leitura atenta e de visualização atenta estão vivas e funcionando. Muitos de nós somos letrados nos meios de comunicação social, bem como instruídos narrativamente, existe, contudo, uma linha tênue entre o letramento nos meios de comunicação e a paranoia.

Desde os anos 60, Tversky e Kahneman (1973) desenvolveram estudos a respeito de heurísticas e vieses cognitivos para avaliar tomadas de decisão sob incerteza. O julgamento em circunstâncias incertas utilizaria um número limitado de heurísticas simplificadoras ao invés de um extenso processamento. Eles desenvolveram o conceito de “heurística de disponibilidade” que seria um atalho mental baseado em exemplos que vêm à nossa mente ao avaliar uma situação, conceito, informação ou decisão. Assim, uma pessoa avalia a frequência de classes ou a probabilidade de eventos através da disponibilidade, ou seja, pela facilidade pela qual exemplos relevantes vêm à mente. A confiança na heurística da disponibilidade levaria a vieses cognitivos sistemáticos.

Teóricos da conspiração, ativistas da extrema direita e extrema esquerda, influenciadores e políticos estão ansiosos para preencher as lacunas de conhecimento com teorias mais abrangentes. Possuindo extenso conhecimento das ferramentas midiáticas, eles sabem como

otimizar seu conteúdo para aparecer no topo das pesquisas das plataformas de mídia⁵.

3 Fake news: a falácia que sempre existiu

Abre-se então o espaço para todo o tipo de desinformação. O termo *Fake News*, usado para referenciar um tipo de desinformação, de acordo com o dicionário *Merriam-Webster* (2017, s. p.), teve seu primeiro registro em 1890 em um jornal de Wisconsin, nos Estados Unidos, mas sua popularização ocorreu a partir de 2016, durante as eleições presidenciais americanas de Donald Trump, trazendo consigo outras expressões como fatos alternativos, pós-verdade e pós-fato. De acordo com Araújo (2020), vivemos numa era de pós-verdade, na medida em que a verdade se subordinou à política. Isto tem implicações não só para os debates políticos, mas também para a ciência, a tecnologia e o pensamento de senso comum.

A proliferação de notícias falsas, contudo, é uma prática tão antiga como o próprio homem e há vários exemplos significativos na história recente, como a propaganda nazista na Segunda Guerra Mundial, as notícias falsas durante o período da Guerra Fria entre Estados Unidos e União Soviética e diversas histórias de conspiração em torno do assassinato do ex-presidente americano John F. Kennedy. De fato, os primeiros anos do jornalismo impresso com ampla circulação durante o século XIX foram marcados pela imprensa sensacionalista ou “amarela”⁶, que se provou muito lucrativa explorando imagens chocantes e manchetes chamativas. Somente em 1923 a Sociedade Americana de Editores de Jornais adotou o primeiro Código de Ética (1923) que nortearia as atividades jornalísticas desde então.

A expressão *fake news* partiria, então, do princípio de que as notícias são verdadeiras, sendo que a imprensa oficial nunca teve um compromisso com a verdade. A notícia é recheada de erros⁷, falsificações, registros imprecisos e de “ciência lixo”. O estudo “*Poor replication validity of biomedical association studies reported by newspapers*”, publicado na revista *PubMed* (DUMAS-MALLET, 2017), reuniu uma enorme base de dados de estudos em ciências biomédicas, o acompanhamento desses estudos e meta-estudos sobre esses acompanhamentos. Na sequência, foi pesquisada a base de dados do jornal *Dow Jones Factiva*, a fim de verificar com que frequência cada tipo de estudo era coberto. Eles descobriram que os estudos iniciais tinham cerca de cinco vezes mais probabilidade de serem relatados do que os estudos de seguimento e que as meta-revisões quase não foram cobertas. A pesquisa constatou, ainda, que os jornalistas preferem relatar estudos que produzem resultados positivos – embora os estudos

⁵ O estudo “*Data Voids: Where Missing Data Can Easily Be Exploited*” (GOLEBIEWSKI, 2018) traz importantes dados a respeito do funcionamento dos algoritmos por trás dos mecanismos de busca e diversas maneiras que permitem a exploração da falta de informação em algumas áreas.

⁶ De acordo com o dicionário *Oxford Learner’s*, o termo designa relatos exagerados de jornais para chocar os leitores; foi cunhado em meados da década de 1890, devido ao uso de tinta amarela para atrair leitores em “*The Yellow Kid*”, uma história em quadrinhos no *New York World* (1895), para caracterizar o jornalismo sensacionalista na guerra de circulação entre o *New York World* de Joseph Pulitzer e o *New York Journal* de William Randolph Hearst. A batalha atingiu o pico entre 1895 e 1898 e seu uso histórico geralmente se refere especificamente a esse período.

⁷ O Instituto Poynter de Jornalismo realiza anualmente um levantamento das retratações mais relevantes realizadas pelos meios de comunicação. No artigo intitulado “*The funny, the weird and the serious: 33 media corrections from 2018*” (MANTZARLIS, 2018) é possível verificar os casos mais relevantes do ano de 2018.

que produzem resultados negativos sejam igualmente valiosos. Os pesquisadores concluíram que quase metade dos estudos individuais relatados revelaram-se errados e que os jornalistas cobrem preferencialmente os resultados iniciais, embora sejam frequentemente refutados por meta-análises subsequentes, entretanto, eles raramente informam o público quando estes estudos são desmentidos.

Outro estudo, conduzido pela Universidade de Maryland, nos Estados Unidos, e publicado no artigo *“Retractions, press releases and newspaper coverage”* (RADA, 2007) analisa com que frequência os jornais cobrem a retratação de um artigo médico e se a cobertura jornalística é adequada. O estudo concluiu que apenas uma pequena fração das retratações são publicadas pelos jornais. A revista ScienceMag, por sua vez, no artigo *“What a massive database of retracted papers reveals about science publishing’s ‘death penalty’* (BRAINARD, 2018) revela que o número de artigos científicos retirados por revistas aumentou dez vezes durante os últimos dez anos. A fraude foi responsável por cerca de sessenta por cento dessas retratações. O Instituto NyamLab também realizou estudos a respeito da frequente necessidade de retratação por parte dos meios de comunicação e o consequente impacto nas mídias sociais, o resultado das análises foi divulgado no artigo *“Can our corrections catch up to our mistakes as they spread across social media?”* (GILLMOR, 2019).

Somado a estes fatores, a ascensão da internet e o advento das mídias sociais mudaram o ecossistema da informação, dando ao público acesso direto a mais informações do que nunca, tornando difícil distinguir informações precisas de conteúdo de baixa qualidade ou falso, editoriais ou sátiras.

4 Por que as notícias ruins chamam atenção

Kahneman, colaureado com o Prêmio Nobel de economia em 2002 por seu trabalho junto com Tversky, que combina economia com ciência cognitiva – especialmente no que concerne ao julgamento humano aparentemente irracional na tomada de decisão em condições de incerteza – aborda em seu livro *“Rápido e devagar”*, publicado em 2011, vários aspectos da conduta humana frente a notícias ruins. No livro, o autor trata do conceito de *“aversão a perdas”*, estudado pela economia comportamental e que engloba uma visão biológica e psicológica na qual negatividade e fuga são dominantes em relação à positividade e estratégia.

Segundo Kahneman (2011), *“os cérebros dos humanos e de outros animais contêm um mecanismo que é desenvolvido para dar prioridade a notícias ruins... ameaças são privilegiadas acima de oportunidades”*⁸ (KAHNEMAN, 2011, p. 253). No caso da linguagem, esse mecanismo também pode ser observado, uma vez que palavras contendo conteúdo emotivo atraem mais atenção e, dentre elas, as palavras cujo conteúdo inclui sentimentos ruins obtêm mais atenção do que aquelas com conteúdo alegre.

O negócio principal de muitas empresas é *“atrair atenção”*, pois a atenção gera lucros através dos *“cliques”* em seus *links*; por esse motivo

⁸ Tradução feita por nós.

os algoritmos dessas empresas sempre serão voltados para gerar emoção. É comum termos uma relação emocional com as informações que recebemos, principalmente através das notícias, por isso ter acesso a mais fatos não resolverá nossa angústia em relação aos problemas porque os algoritmos que determinam o que vamos ver nas plataformas das redes sociais são projetados para potencializar nossas reações emotivas e quando sentimos medo as narrativas hipersimplificadas, teorias da conspiração e demonização do outro tornam-se mais efetivas.

De acordo com os estudos de Kahneman (2011), a negatividade triunfa sobre a positividade de diversas maneiras, e a aversão a perdas é apenas uma das muitas manifestações de uma dominância da negatividade muito mais abrangente, de forma que as informações ruins são processadas mais meticulosamente do que as boas e impressões e estereótipos negativos são mais rápidos para se formar em nossas mentes e mais resistentes a se dissipar do que os bons. Algumas distinções entre bom e ruim para nossa sobrevivência já estão projetadas em nossa biologia (por conta da sobrevivência – precisamos estar sempre alertas quanto aos eventos ruins), porém o limite entre bom e ruim é um referencial que muda com o tempo dependendo das circunstâncias imediatas. No momento atual, as mudanças têm sido muito rápidas, bruscas e profundas, de forma que nossos sistemas cognitivos encontram dificuldade de processamento, enquanto estamos muito mais atentos às notícias.

Por outro lado, somos seres sociais, que buscamos nos agregar e confortar, especialmente em momentos de crise, e esta possibilidade foi-nos negada devido à necessidade de afastamento social. Diante do medo, os primatas e os humanos se juntam para resistir e sobreviver, sendo que cada cultura humana desenvolveu rituais que remetem à “catação”,⁹ a fim de fortalecer vínculos sociais.

A resistência a aceitar uma situação de confinamento e distanciamento social, e consequente fechamento do comércio, fábricas e escolas, está associada a estes conceitos de aversão a perdas; o confinamento seria, por assim dizer, “antibiólógico”. Kahneman (2011) postula que “somos movidos mais fortemente a evitar perdas do que alcançar ganhos... Um ponto de referência é o status quo”¹⁰ (KAHNEMAN, 2011, p. 254). A postura geral humana está direcionada à defesa do *status quo*, por esse motivo negociações econômicas em um mercado em retração são muito mais árduas, uma vez que o valor da fatia diminuta de mercado aumenta.

A postura adotada por muitos no enfrentamento da crise econômica e a tendência de apoio a decisões de extrema direita ainda podem ser explicadas pelos estudos de Kahneman (2011):

(...) a aversão a perdas é uma poderosa força conservadora que favorece mudanças mínimas no *status quo*, nas vidas tanto de instituições como de indivíduos. Este conservadorismo ajuda a nos mantermos estáveis em nossa vizinhança, em nosso casamento, e em nosso emprego; é a força

⁹ A prática da catação (ou *grooming* em inglês) se refere ao hábito presente em diversos mamíferos, especialmente nos primatas, de afagar a pele ou os pelos e catar ectoparasitas. Quando a catação é feita entre membros da comunidade, ela é denominada de catação social, com a finalidade fortalecer os vínculos afetivos e manter a unidade e saúde do grupo (fonte: Wikipédia).

¹⁰ Tradução feita por nós.

gravitacional que sustenta nossa vida próxima a um ponto de referência. (KAHNEMAN, 2011, p. 256).

5 Uma análise da aderência à desinformação

A Teoria da Relevância de Sperber e Wilson (1986/1995) postula que os seres humanos têm uma tendência automática para maximizar relevância devido à forma como nossos sistemas cognitivos se desenvolveram; nossos mecanismos de recuperação de memória tendem a automaticamente ativar suposições potencialmente relevantes e nossos mecanismos inferenciais tendem a espontaneamente processá-las de um modo mais produtivo. Assim, a análise da comunicação explícita e implícita pode revelar qual a intenção subjacente real por trás das notícias falsas. Um *input* é relevante para um indivíduo quando se conecta com informações de *background* disponíveis, produzindo conclusões que importam para ele, e seu processamento produz um efeito cognitivo positivo.

Na visão de Mercier (2020-c), em recente artigo publicado no jornal *The Guardian*, o principal problema não é que as pessoas são ingênuas e sim que elas “deixam de absorver recomendações”¹¹. A incredulidade generalizada na mídia, bem como nas instituições e nos políticos, faz com que as pessoas ignorem alertas importantes. Para ele, até mesmo o ataque aos supermercados para estocar papel higiênico e outros produtos é uma demonstração da falta de confiança da população nas autoridades que prometem manter o fornecimento apesar da crise. Mercier (2020-c) considera que os humanos são por natureza cuidadosos com as mensagens que recebem. Quando avaliamos as informações, primeiramente comparamos o novo conteúdo com nossas crenças pré-existentes, caso ele se encaixe, a informação será aceita.

As notícias falsas tiram vantagem desse mecanismo reforçando nossos vieses cognitivos, ou seja, apoiadores da extrema direita aceitarão com mais facilidade informações e notícias que reforcem suas ideias pré-concebidas. Da mesma forma, xenófobos aceitarão mais facilmente todas as informações que privilegiem a segregação e fechamento de fronteiras. Por outro lado, as mensagens que conflitam com nossa idiosincrasia, com nossas concepções mais arraigadas do mundo, especialmente quando tais ideias importam em custos mentais ou tomadas de decisão e ações, serão inicialmente rejeitadas. É por esse motivo que ficar trancado em casa, sem contato com amigos e família por conta de um vírus invisível parece inicialmente ser uma atitude muito drástica quando aquela determinada pessoa não foi diretamente afetada de maneira nenhuma pela infecção.

Segundo Mercier (2020-c), para superar a rejeição inicial a novas ideias, é necessário confiança, um reconhecimento de que a fonte daquela informação, seja ela uma pessoa ou instituição, é confiável, competente, busca atender nossos interesses e não está tentando nos manipular. O conselho de Mercier (2020-c) para driblar essas situações é checar as informações e suas fontes. Em outro artigo, todavia, Mercier (2020-b) afirma: “Como não dispomos nem do tempo, nem da motivação, nem mesmo da informação complementar necessária para

¹¹ Tradução feita por nós.

avaliar adequadamente a maior parte da informação que encontramos, revertemos para um estado de ceticismo racional.”¹²

Podemos ainda destacar o conceito desenvolvido por Sperber (2010) e outros pesquisadores na área de Vigilância Epistêmica (*Epistemic Vigilance*), segundo o qual os seres humanos dependem massivamente da comunicação uns com os outros, mas isso os deixa abertos ao risco de serem mal informados acidental ou intencionalmente. Para garantir que, apesar desse risco, a comunicação permaneça vantajosa, os seres humanos possuiriam um conjunto de mecanismos cognitivos para a Vigilância Epistêmica.

A Vigilância Epistêmica seria uma espécie de análise que implica em não acreditarmos cegamente na informação que recebemos. Entretanto, esta análise tem um alto custo de processamento, o qual é mantido num nível mínimo quando a informação comunicada não tiver relevância para nós. Haveria, então, dois processos cognitivos atuando concomitantemente, um deles para avaliar a relevância do conteúdo e outro, que em caso positivo, avaliaria a confiabilidade do conteúdo. Segundo os conceitos de Vigilância Epistêmica, os seres humanos seriam capazes de calibrar sua confiança suficientemente bem para não serem enganados.

A Vigilância Epistêmica, entretanto, não explora suficientemente bem as questões relativas à indisposição do interlocutor em revisar suas próprias crenças à luz do que é dito pelos outros, além de não haver estudos mais aprofundados para avaliar os efeitos cognitivos da exposição ao excesso de informações, ou seja, a possibilidade de, num ambiente de bombardeamento de informações, a fim de minimizar os esforços de processamento, as pessoas talvez estariam desativando a vigilância cognitiva quando o conteúdo informado estiver de acordo com crenças já arraigadas.

Adicionalmente, a análise da “Base Comum” pode lançar luz sobre a aderência à desinformação, considerando a hipótese de que, ao enviar notícias falsas, os fabricantes fazem previsões de quais informações o público interiorizou mentalmente (conjunto de ideias e visão de mundo) e podem prever quais informações (falsas) serão combinadas de maneira proveitosa com essas informações manifestas para produzir os efeitos cognitivos esperados.

O conceito de “Base Comum” surgiu a partir de fundamentos filosóficos e o trabalho de definição de paradigmas na psicologia da linguagem publicado por Clark (1996/1998) e é usado para denominar o conhecimento comum de fatos relevantes do discurso, é uma construção psicologicamente real onde processos psicológicos funcionam para construir e manter uma Base Comum à medida que as conversas se desenrolam. Clark traz a concepção de “arenas de uso da linguagem” para se referir aos lugares onde as pessoas fazem uso da linguagem. Nessas “arenas”, as pessoas desempenham papéis de falante e interlocutor, agindo não de forma independente e estanque, mas coordenando reciprocamente suas ações. Isso é possível graças ao volume expressivo de conhecimentos, crenças e suposições que ambos acreditam compartilhar, o que Clark (1996/1998) chama de “Base

¹² Tradução feita por nós.

Comum”, o fundamento de todas as ações conjuntas e essenciais à criação de significado do falante, assim como à compreensão do interlocutor. Os limites da “arena” são expandidos pela distinção entre participantes e não-participantes de uma ação conjunta, abrindo-a para mais interlocutores fazerem parte do cenário de uma conversa, nesse cenário a ideia de crença comum ou mútua é conceitualmente necessária para a construção do significado.

Defendemos que o conteúdo de desinformação é desenhado, através da escolha cuidadosa de palavras e imagens, levando em conta toda a “Base Comum” entre os interlocutores para não somente ser relevante o suficiente a fim de conseguir a atenção do ouvinte, mas também encontrar terreno fértil para sua aderência na memória enciclopédica do ouvinte, levando a uma atualização de seu ambiente cognitivo. Dessa forma, a aderência dependeria de um conjunto original de crenças que estariam sujeitas a serem reforçadas, o que não eliminaria a possibilidade, ainda que posteriormente, de serem apresentados elementos suficientemente fortes para alterá-las.

6 O papel das plataformas de informação

Muita crítica é direcionada à mídia oficial, que sofre há anos com o aumento do descrédito e consequentes fortes quedas na arrecadação. Com isso, escrever artigos sobre o COVID-19 apresenta múltiplos desafios para os jornalistas. Os repórteres têm a responsabilidade de fornecer aos leitores informações atualizadas em meio às incertezas em torno do vírus em um tom que não aterrorize a população nem minimize a gravidade da situação. Uma grande preocupação é não amplificar a desinformação ou o medo. Kwan et al. (2020) citam algumas regras importantes, as quais observamos que deixam de ser seguidas pelos veículos de comunicação na gana de obter atenção como: evitar o uso de linguagem sensacionalista, especialmente nas manchetes; cuidado ao selecionar as imagens utilizadas; evitar a especulação ou pedir aos especialistas que especulem acerca dos piores cenários; direcionar os leitores para fontes oficiais de informação; cuidado com as pesquisas utilizadas como base para as reportagens e consultar mais de um especialista.

Uma das alternativas defendida por muitos, de acordo com a especialista em desinformação Claire Wardle¹³ (2019), diretora da First Draft (organização sem fins lucrativos formada pela coalizão de dezenas de meios de comunicação e universidades), para solucionar o problema da disseminação de desinformação seria a retirada dos conteúdos enganosos da internet. Há governos pensando em regras muito mais duras em relação a conteúdos postados na internet, o que poderia trazer consequências muito mais sérias em relação à nossa liberdade de expressão, pois o limite com a censura é uma linha muito tênue. Ainda que seja decidida a retirada desses conteúdos da internet, estaríamos diante de uma tarefa hercúlea, pois a produção de conteúdo dificilmente diminuirá. Há milhões de postagens no mundo todo em todos os idiomas em milhares de contextos culturais e não há ferramentas para

¹³ Claire Wardle é professora associada na Universidade de Harvard, especialista em verificação de conteúdos gerados por usuários e desenvolve trabalhos com a finalidade de melhorar a qualidade das informações divulgadas através da internet

moderação de tanto discurso para ser controlado por humanos ou inteligência artificial. Um agravante é o fato de que os políticos amplificam muitos desses conteúdos quando é de seu interesse e as pessoas os repassam sem um crivo crítico.

Nos últimos anos surgiram diversos serviços de monitoramento e checagem de conteúdos duvidosos, tanto independentes como ligados a algum meio de comunicação. Contudo, desacreditar efetivamente as notícias falsas é difícil porque temos dificuldade para processar a ideia de que mensagens que estejam sendo ostensivamente direcionadas a nós possam não ser verdadeiras; conforme a Teoria da Relevância, de Sperber e Wilson (1986/1995), todo conteúdo enunciado traz em si mesmo a presunção de sua própria relevância, ou seja, cada asserção exprime o pressuposto de que é relevante o suficiente para merecer a atenção do ouvinte. Dessa forma, não esperamos que alguma informação que é endereçada a nós seja falsa.

7 Considerações finais

A ascensão da Internet e o advento das mídias sociais mudaram fundamentalmente o ecossistema da informação, dando ao público acesso direto a mais informações do que nunca, em tempo real. Muitas vezes, entretanto, é quase impossível distinguir informações precisas de conteúdo de baixa qualidade ou falso e editoriais ou sátiras são confundidos com informação jornalística. Isso significa que a desinformação – informações falsas ou intencionalmente enganosas que visam atingir uma meta econômica, política ou ideológica – pode se tornar descontrolada, espalhando-se *on-line* mais rapidamente do que nunca visto em outros formatos de mídia. Além disso, os efeitos cognitivos de curto e longo prazo advindos da constante exposição às *fake news* ainda não são claros para os cientistas cognitivos.

Os antigos estudos filosóficos sobre a definição de verdade ressurgem e novas terminologias como “Declínio da Verdade”, postulada por Kavanagh e Rich (2018)¹⁴, ganham força para se referir ao papel cada vez menor dos fatos, dados e análises no discurso político e civil e no processo de formulação de políticas públicas.

Landy (2019) faz uma análise histórica e oferece argumentos convincentes relacionando o pós-modernismo ao aparecimento do “Declínio da Verdade”. McIntyre (2018), em seu livro *“Post-truth”*, explica como chegamos a uma era de “Pós-verdade”, na qual “Fatos Alternativos” substituem fatos reais e os sentimentos têm mais peso do que as provas.

No artigo *“Post-Truth/Fake-Posts. Or, the Truth in Beta mode”*, Howe (2017) trata dos diversos níveis de verdade midiática e as nomenclaturas adotadas para cada uma das situações, descrevendo o que seriam *“lies and bullshit”* (mentiras e besteiras), *“inventive news”* (notícias criativas), *“post-truth”* (pós-verdade) e *“social theory & post-truthishness”* (teoria social e pós-verdades).

O declínio da verdade é marcado pelo enaltecimento da percepção em prejuízo da análise direta dos fatos e dados, e caracteriza-se por

¹⁴ A Corporação RAND desenvolve diversas pesquisas que têm por objetivo combater o “declínio da verdade” através do projeto *“COUNTERING TRUTH DECAY – A RAND Initiative to Restore the Role of Facts and Analysis in Public Life”* (RAND, 2020).

quatro tendências: discordância crescente sobre fatos e dados, obscurecimento da linha entre opinião e fato, aumento do volume relativo de opinião em comparação com o fato e confiança declinante em instituições que costumavam ser vistas como fontes autorizadas de informações factuais. A decadência da verdade representa uma ameaça à ciência, à democracia, à formulação de políticas e à própria noção de discurso cívico.

Contudo, um dos maiores atentados à verdade atualmente é produzido pelo mercado das notícias. A informação é adquirida gratuitamente de fontes por vezes não fidedignas em termos de origem ou interesses. O consumidor de informação escolhe o “supermercado” e a “prateleira” que mais lhe agrada e que melhor confirma suas convicções pré-existentes, e, na sequência, encaminha o conteúdo para o maior número possível de conhecidos nas plataformas de mídia social para informá-los, garantindo, assim, a proliferação ideológica e o aumento da polarização. A mídia séria padece sem meios de subsistência, e os fatos, igualmente disponíveis na internet, não têm voz, basta observar o número de seguidores das plataformas de universidades sérias, que disponibilizam muitos estudos gratuitamente, em comparação com os canais de influenciadores no *Youtube* ou *Instagram*.

A disseminação de desinformação pelo mundo é, sem dúvida, um problema crescente que preocupa governos, organizações públicas e privadas e a academia. Por esse motivo, cada vez mais, as grandes universidades lançam pesquisas e publicações para compreender o fenômeno, educar a população e combater a desinformação. Uma constante preocupação dos estudiosos é a possibilidade de minar a liberdade de expressão na tentativa de conter a propagação da desinformação. A problemática surgiu com o avanço da tecnologia da informação, e possivelmente o avanço nos estudos de pragmática e cognição, juntamente com avanços tecnológicos, permitirão controlar esta ameaça.

Referências

- ARAÚJO, S. Truth, Half-Truth, and Post-Truth: Lessons from William James. **Journal of Constructivist Psychology**, Londres. 2020. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/10720537.2020.1727390>. Acesso em 25 abr. 2020.
- BRIAND, S. How to fight and infodemic. [Entrevista concedida a] Zaracostas, J. **The Lancet**, v. 395, ed. 10225, P676. 2020.
- BRAINARD, J. What a massive database of retracted papers reveals about science publishing’s ‘death penalty’. **ScienceMag**. 2018. Disponível em: <https://www.sciencemag.org/news/2018/10/what-massive-database-retracted-papers-reveals-about-science-publishing-s-death-penalty#:~:text=But%20retractions%20remain%20relatively%20rare,has%20remained%20level%20since%202012>. Acesso em 29 abr. 2020.
- CLARK, H. H. **Using Language**. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 1996. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/231870679_Herbert_H_Clark_

Using language_Cambridge_Cambridge_University_Press_1996_Pp_xi432.
Acesso em 25 abr. 2020.

CLARK, H. H. Communal lexicons. In: MALMKJÆR, K.; WILLIAMS, J. (Eds.), **Context in language learning and language understanding** (p. 63-87). Cambridge: Cambridge University. 1998.

DE VEN, I. Van. Do COVID-19 Conspiracy Theories Stem From Gullibility Or Skepticism? **International Cognition and Culture Institute**, 2020. Disponível em: <https://cognitionandculture.net/blogs/inge-van-de-ven/do-covid-19-conspiracy-theories-stem-from-gullibility-or-skepticism/>. Acesso em 25 abr. 2020.

DUMAS-MALLET, E. et al. Poor replication validity of biomedical association studies reported by newspapers. **PubMed**. 2017. doi: 10.1371/journal.pone.0172650. eCollection 2017.

GHEBREYESUS, T. **Discurso na Conferência de Segurança da ONU** em Munique em 15 de fevereiro de 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/munich-security-conference> . Acesso em 25 abr. 2020.

GILLMOR, D. Can our corrections catch up to our mistakes as they spread across social media? **Nyamlab**. 2019. Disponível em: <https://www.niemanlab.org/2019/03/can-our-corrections-catch-up-to-our-mistakes-as-they-spread-across-social-media/> . Acesso em 25 abr. 2020.

GOLEBIEWSKI, M.; BOYD, D. Data Voids: Where Missing Data Can Easily Be Exploited. **Data & Society**. 2018. Disponível em: https://datasociety.net/wp-content/uploads/2018/05/Data_Society_Data_Voids_Final_3.pdf . Acesso em 25 abr. 2020.

HOWE, C. Post-truth/Fake-posts. Or, The Truth In Beta Mode. **EASST Review**, v. 36, nº 1, Holanda, 2017. Disponível em: <https://easst.net/article/post-truthfake-posts-or-the-truth-in-beta-mode/> . Acesso em 25 abr. 2020.

KAHNEMAN, D. **Thinking, Fast and Slow**. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2011.

KAHNEMAN, D. Maps of Bounded Rationality: Psychology for Behavioral Economics. **The American Economic Review**, 93(5), p. 1449-1475. 2002

KAVANAGH, J; RICH, M. **Truth Decay**. Rand Corporation. 2018.

KWAN, V.; WARDLE C.; WEBB M. Tips for reporting on Covid-19 and slowing the spread of misinformation. **First Draft**. 2020. Disponível em: <https://firstdraftnews.org/latest/tips-for-reporting-on-covid-19-coronavirus-and-slowing-the-spread-of-misinformation>. Acesso em 25 abr. 2020.

LANDY, J. Postmodernism: The Decline Of Truth, **Philosophy Talk**, 2019. Disponível em: <https://www.philosophytalk.org/blog/postmodernism-decline-truth>. Acesso em 25 abr. 2020.

MANTZARLIS, A. The funny, the weird and the serious: 33 media corrections from 2018. **Poynter**. 2020. Disponível em: <https://www.poynter.org/fact-checking/2018/the-funny-the-weird-and-the-serious-33-media-corrections-from-2018/> . Acesso em 25 abr. 2020.

- MCINTYRE, L. **Post-Truth**. MIT Press. Feb 2018.
- MERCIER, H. **Not Born Yesterday**: The Science of Who we Trust and Who we Believe. Princeton U.P. 2020-a.
- MERCIER, H. **What do you really know about gullibility?** Princeton University Press, 2020. Disponível em: <https://press.princeton.edu/ideas/what-do-you-really-know-about-gullibility> . Acesso em 25 abr. 2020-b.
- MERCIER, H. Fake news in the time of coronavirus: how big is the threat? **The Guardian**, 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/mar/30/fake-news-coronavirus-falseinformation> . Acesso em 25 abr. 2020-c.
- MERRIAM-WEBSTER. **The Real Story of 'Fake News'** The term seems to have emerged around the end of the 19th century. 2017. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news>. Acesso em 25 abr. 2020.
- RADA, R. Retractions, press releases and newspaper coverage. In: **Health Information and Libraries Journal**, 24, (p.210–215). Blackwell Publishing Ltd. 2007. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1471-1842.2007.00724.x>. Acesso em 25 abr. 2020.
- RADNITZ, S. Why conspiracy theories spread faster than coronavirus. **The Guardian**, 2020. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2020/mar/03/coronavirus-conspiracy-theories-virus-social-media>. Acesso em 25 abr. 2020.
- RAND, D. G. **Countering Truth Decay, A RAND Initiative to Restore the Role of Facts and Analysis in Public Life**.2020. Disponível em: <https://www.rand.org/research/projects/truth-decay.html> . Acesso em 25 abr. 2020.
- SPERBER, D.; WILSON, D. **Relevance: Communication and Cognition**. Second edition. Oxford: Blackwell, 1986/1995.
- SPERBER, D.; CLÉMENT, F.; HEINTZ, C.; MASCARO, O.; MERCIER, H.; ORIGGI, G.; WILSON, D. Epistemic vigilance. **Mind & Language**, 25(4), 359–393. 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1468-0017.2010.01394.x> . Acesso em 25 abr. 2020.
- TVERSKY, A.; KAHNEMAN, D. Availability: A heuristic for judging frequency and probability. **Cognitive Psychology**. 5 (2): 207–232. 1973.
- TWOREK, H. **A thread**: Communications in a public health crisis are as crucial as medical intervention. Twitter. 18 de mar. de 2020. Disponível em: <https://twitter.com/heiditworek/status/1240340632666701824>. Acesso em 25 abr. 2020.
- WARDLE, C. The Need for Smarter Definitions and Practical, Timely Empirical Research on Information Disorder, **Digital Journalism**, 6:8, 951-963, 2018-a. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/21670811.2018.1502047>. Acesso em 25 abr. 2020.
- WARDLE, C.; DERAKHSHAN, I. et al. Thinking about 'information disorder': formats of misinformation, disinformation, and mal-information. In: **Journalism, fake**

news & disinformation: handbook for journalism education and training.

Unesco Digital Library. 2018-b. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000265552>. Acesso em 25 abr. 2020.

WARDLE, C. Keynote apresentado por Claire Wardle no **TED 2019**, intitulado “How you can help transform the internet into a place of trust”. Ted Talk. 2019.

Disponível em:

https://www.ted.com/talks/claire_wardle_how_you_can_help_transform_the_internet_into_a_place_of_trust#t-434899. Acesso em 25 abr. 2020.

Artigo enviado em: 09/06/2020. Aprovado em: 27/08/2020.